



## **ABORDAGENS TERRITORIAIS: REFLEXÕES BASILARES PARA A FORMAÇÃO ACADÊMICA DO CURSO DE TURISMO E MEIO AMBIENTE**

Juliana. S. Pepinelli, IC-Fecilcam/Fundação Araucária, Turismo e Meio Ambiente, Fecilcam.

[jupepinelli@hotmail.com](mailto:jupepinelli@hotmail.com)

Zilda Ferreira Leandro, (OR) [zildaleandro@hotmail.com](mailto:zildaleandro@hotmail.com)

Gisele Ramos Onofre, (CO-OR), [giseleramos@usp.br](mailto:giseleramos@usp.br)

### **1. Introdução**

Este artigo é fruto da pesquisa do Programa de iniciação científica (PIC) do Núcleo de Pesquisa Multidisciplinar (NUPEM), da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (FECILCAM), com duração de 12 meses, financiada pela Fundação Araucária.

O objetivo da pesquisa foi analisar as diferentes abordagens de concepções de território, adotados pelos autores que discutem planejamento turístico e que são referenciados pelos professores das disciplinas de planejamento no curso de Turismo e Meio Ambiente da FECILCAM.

A escolha da pesquisa originou-se pela perspectiva de que a atividade turística acontece também no âmago da lógica do sistema capitalista, pontuando bem as prioridades em torno dela, resultando em lugares e paisagens transformadas e totalmente descaracterizadas. A análise e compreensão dos conceitos e teorias de território, aliado ao modo de produção vigente, possibilita ao turismólogo melhor preparação na sua atuação profissional.

A academia é o espaço ideal para adquirir maior entendimento crítico, construir conhecimento e refletir nossa práxis social. Nesse sentido, acreditamos que seja oportuno compreender o conceito de território adotado pelos autores e referenciado pelos professores de planejamento, as teorias que norteiam tal conceito, analisar o contexto epistemológico e as ideologias que subjaz a tais conceitos.

Considerando que o objetivo do curso de Turismo e Meio Ambiente da FECILCAM – Faculdade Estadual de Campo Mourão – PR é; formar turismólogos com visão do turismo como atividade econômica e fenômeno social; preocupar-se em articular teoria e prática; viabilizar o ensino, a pesquisa e a extensão. Prioriza, também, formação profissional com um perfil planejador, gestor e empreendedor do Turismo e do Meio Ambiente, essa discussão se faz imprescindível. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE TURISMO E MEIO AMBIENTE, 2006).

As atividades turísticas são tidas como um fenômeno econômico e social, que movimentam vários empreendimentos, serviços, recursos materiais e humanos; utilizam-se



dos atrativos naturais, histórico-culturais, em segmentos e campos de atuação diferentes. Essas atividades acontecem em um local específico, cenário, espaço de atuação. O território se apresenta como a construção desse espaço que é o produto histórico do trabalho, das relações de poder sociais e afetivas.

Nessa discussão conceitual, foi escolhido analisar e refletir sobre o conceito de território, pois, acreditamos ser uma reflexão básica e fundamental para a formação acadêmica no curso de Turismo e Meio Ambiente da FECILCAM. Uma vez que, o uso do território é fundamental para o desenvolvimento das atividades turística. Acredita-se que a apropriação das abordagens e concepções de territórios publicadas por autores adotados e veiculados na formação acadêmica, pode influenciar diretamente na práxis profissional ou em planejamento de projetos e atividades.

A discussão conceitual que serviu de base para essa pesquisa, foi a de Saquet, que em sua obra de 2007 apresenta um mosaico sobre abordagens e concepção de território. Fazendo uma discussão histórica, teórica e conceitual sobre o conceito de território, por pensadores da geografia e outras áreas de contribuição e referência científica.

Para a realização dessa pesquisa, acreditamos que uma análise crítica é mais adequada para examinar as questões que subjaz os conceitos de território, percepção, objeto e sujeito social, investigar as raízes dos pensamentos ideológicos que norteiam tais conceitos.

Considerando que todo conceito de território é ideológico e comprometido com a prática social, submetida a um modo de produção específico. Entendemos que a análise crítica poderá nos descortinar outra realidade não hegemônica, mas que a nosso ver poderá nos mostrar um novo caminho e uma ideologia comprometida com o desenvolvimento social e uma prática ambiental que possa contribuir para melhorar a qualidade de vida das comunidades receptoras.

A complexidade da dinâmica sócio-espacial cooperaram para aumentar a dificuldade de um consenso do que seja território. Além do que, esse conceito passou a ser adotado por diversas áreas do conhecimento, nas diferentes perspectivas. Isso diversifica sobre maneira as noções empregadas para definir, delimitar, aplicar e materializar o conceito de território, e imprime em certas noções uma vaguidade na representação de território.

Essa “moda territorial” é observada particularmente em estudos sobre a sociedade contemporânea. Nessa moda os estudos geográficos passam geralmente a vincular a configuração do território a uma “organização do espaço”, regida pela economia e os territórios passam a ser abordados tendo como referencial os espaços mundializados. Nesse sentido organizacional a realização do turismo não é possível sem o planejamento, a



organização do espaço, a compreensão dessas relações e dos atores que atuam nesses territórios.

Saquet (2007) fez um exame histórico e crítico sobre a evolução do conceito de território, produzindo um panorama dessa discussão conceitual na geografia. Argumenta o autor que existem estudos consistentes no Brasil na perspectiva da escola francesa e inglesa sobre o território, como os de Haesbaert (1997, 1999, 2004 e 2004 a). Mas, percebe pouco conhecimento de abordagens já clássicas da literatura italiana sobre as análises territoriais. Não obstante, consegue caracterizar e identificar a partir dos anos 1950-1960 e particularmente pós 1970, quatro abordagens sobre o conceito de território.

Em sua discussão sobre as tendências do conceito de território, Saquet (2007) observa que a separação dos primeiros conceitos e as demais fases é apenas didática. Alguns autores buscam uma discussão teórico-conceitual, outros apresentam perspectivas metodológicas.

Uma vez que o entendimento de território varia entre diferentes abordagens, de acordo com a corrente filosófica, ideológica e interesses individuais. Adotamos para esse estudo o conceito de Saquet (2007), porque apresenta uma abordagem (i)material do território, a qual a noção de espaço é construída socialmente tanto objetiva como subjetivamente:

O território significa natureza e sociedade; economia, política e cultura; idéia e matéria; identidades e representações; apropriação, dominação e controle; des-continuidades; conexão e redes; domínio e subordinação; degradação e proteção ambiental; terra, formas espaciais e relações de poder; diversidade e unidade. (p. 24)

“Cada combinação específica de cada relação espaço-tempo é produto, acompanha e condiciona os fenômenos e processos territoriais”. Entende que “todo conceito tem uma história, seus elementos e metamorfoses; tem interações entre seus componentes e com outros conceitos [...] o território é um destes conceitos complexos, substantivados por vários elementos, no nível do pensamento e em unidade com o mundo da vida (SAQUET, 2007, p. 8-13).

Saquet (2007) compreende as diferentes perspectivas dos conceitos de território e territorialidade, como uma forma coerente para o entendimento dos sujeitos e processos dessas problemáticas socioespaciais. “A abordagem territorial permite, sem modismos e denominações maquiadas, compreender elementos e questões, ritmos e processos, da sociedade e da natureza exterior ao homem” (p. 23).

Pois, para o autor supra citado “é preciso ter sutileza e habilidades, pois cada sociedade produz seu(s) território(s) e territorialidade(s), a seu modo, em consonância com



suas normas, regras, crenças, valores, ritos e mitos, com suas atividades cotidianas” (p. 24). Na discussão do desdobramento histórico do conceito de território corrobora as afirmações de Marx e Engels (1984):

Não tem história, não têm desenvolvimento, são os homens que desenvolvem a sua produção material e o seu intercâmbio material que, ao mudarem esta sua realidade, muda também o seu pensamento e os produtos do seu pensamento. Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência. [...] Lá onde a especulação cessa, na vida real, começa, portanto, a ciência real, positiva, a representação da atividade prática, do processo de desenvolvimento prático dos homens (p.23).

As idéias de Marx e Engels levam a reflexão da história dos homens e ajuda a compreender a vida real e “não é admissível pôr em questão o próprio conhecimento” (LEFEVRE, 1991). Então, todo o conhecimento produzido faz parte da: “a) história das ciências e de seus métodos particulares; b) história das formas, métodos e instrumentos gerais do conhecimento; a preparação dos mesmos para as atuais condições do saber humano; c) história social das idéias.” (p.56). Enfim, é examinando os conhecimentos produzidos que podemos aperfeiçoá-los, “penetra-los, unir-se e identificar-se com eles, para assim reencontrar a unidade do mundo, a conexão objetiva desses diferentes aspectos concretos, do devir” (p.156).

Portanto o território é um espaço modificado pelo trabalho e revela as relações de poder. Contribuindo para essa linha de pensamento outros autores argumentam sobre a transformação e modificação do espaço e as relações decorrentes dessa complexidade, dos conflitos e das contradições nas relações humanas. Como o autor Raffestin (1983), que entende a territorialidade como multidimensional e inerente á vida em sociedade. Seguindo a mesma linha de discussão, o autor Giseppe Dematteis (1985), compreende o território ligado ao que denomina de espaço ambiente material modelado pelas forças políticas e do mercado e não como uma instância separada em níveis distintos. Acrescenta que não há território sem uma trama de relações sociais e que o território é um lugar substantivado por essas relações ou territorialidades e é constituído histórica e geograficamente.

## **2. Materiais e métodos**

O estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, numa abordagem descritiva e comparativa. Para atingir o objetivo da pesquisa os materiais e métodos consistiram em selecionar, ler, descrever e analisar as obras dos autores que discutem



planejamento turístico e que são referenciados pelos professores das disciplinas de planejamento no curso de Turismo e Meio Ambiente da FECILCAM e pelos cursos de turismo do Estado do Paraná. Nessas obras, os autores apresentam discussões e argumentações sobre planejamento da atividade turística.

Para a realização das duas primeiras etapas da pesquisa foram identificados os autores utilizados pelos cursos de Turismo do Paraná, objetos de discussões e debates ocorridos no IX encontro do Fórum de coordenadores dos cursos de Turismo do Estado do Paraná em abril de 2008, cujo objetivo é primar pela qualidade acadêmica dos referidos cursos. Como também, aproximar metodologias de ensino de Planejamento Turístico e contribuir nas discussões em relação a Políticas Públicas de Turismo destinadas ao Paraná. Essa bibliografia comum também é adotada pelos professores de planejamento do curso de Turismo e Meio Ambiente da FECILCAM.

Entre essas bibliografias fundamentais apresentadas no encontro, selecionamos e escolhemos analisar as abordagens dos seguintes autores e suas obras: Beni (2006), Boullón (2002), Braga (2007), Hall (2002), Magalhães (2002), Petrocchi (2001). Essas escolhas se justificam pelo critério adotado pelas autoras; de selecionar entre 19 autores apresentados, uma amostra de 30 % mais utilizados entre os professores do curso de Turismo e Meio Ambiente da FECILCAM.

A terceira etapa consistiu em investigar o conceito de território que perpassa as obras dos autores selecionados. Essa análise teve como base a leitura dessas obras, identificando a apresentação do autor sobre o conceito e concepção de território, ou de palavras e conceitos chaves que dão entendimento dessa concepção; e que estão agregados a essa discussão do planejamento da atividade turística. De forma não limitada ao aparecimento e uso da palavra território, e sim as abordagens que discutam a relevância de planejar e entender a contextualização da atividade turística no espaço geográfico.

A última etapa foi realizar uma análise das tendências filosóficas para entendimento das linhas e características das escolas, possibilitando identificar a forma de apresentação das bibliografias analisadas. Elaborando uma interpretação das abordagens e concepções de território nas obras dos autores usados na formação acadêmica de turismo no estado do Paraná.

### **3. Resultados**

Segue a análise, os resultados estão apresentados separadamente por obra e/ou autor, respeitando a ordem alfabética.



Na obra de Beni, a linha que norteia é a estruturalista, pois para Beni (2006), o planejamento deve ser integrado e sustentável, considera os instrumentos e métodos importantíssimos para execução, operacionalização, mensuração e controle. Parece entender o planejamento como um sistema integrador que deve buscar a conciliação das diversidades territoriais:

O território é um agente de transformação, não mero suporte dos recursos e atividades econômicas, pois existe interação entre as empresas e os demais atores, que se organizam para desenvolver a economia e a sociedade. O ponto de partida para uma comunidade territorial está no conjunto de recursos econômicos, humanos, institucionais e culturais formadores de seu potencial de desenvolvimento (p. 36).

Para essa concepção, os fatos humanos assumem formas de sistemas que criam seus próprios elementos dando a ele sentido pela posição e pela função que ocupam no todo. O todo não é a soma das partes, mas um princípio ordenador, diferenciador e transformador. Uma estrutura é uma totalidade dotada de sentido.

Refere-se a espaço social da comunidade, como sendo formado por um sistema de atores, as pessoas que participam do processo, atividades e ações, por meio de suas potencialidades humanas, técnicas e científicas. E espaço territorial como sendo a estrutura física potencial, ocupado pela comunidade na sua área de abrangência. Mas não menciona a questão da estratificação social.

Beni (2006) acredita que todo projeto de desenvolvimento local/regional desencadeia um processo de reconstrução/reapropriação de um território entendido como o espaço apropriado.

Beni (2006) parece entender que o turismo sustentável depende do ordenamento do espaço, da garantia da manutenção dos atrativos, da disponibilidade de serviços e da manutenção da qualidade da paisagem. Completa que o acesso ao território qualificado, essencial para o turismo, deve ser garantido por meio de ações integradoras e complementares.

Porém, observa-se que a sustentabilidade está intimamente relacionada ao processo de acumulação de capital e competitividade do sistema produtivo, entende também que a atividade turística deve buscar a conciliação de diversidades territoriais o que nos leva a crer numa globalização cultural ou tornar hegemônica a cultura capitalista de exploração dos lugares como mercadoria.

Parece acreditar que a atividade turística também é fonte de desenvolvimento da potencialidade humana, tendo em vista que o crescimento pessoal pré-supõe aumento de



renda e abandono das atividades primárias. Descaracterizando as atividades culturais e conhecimentos técnicos não valorizados pelo capital, e específicos da região.

Parece também utilizar palavras como desenvolvimento para sinônimo de crescimento e responsabilidade social para mudança social, indicando que no desenvolver das atividades turísticas essas mudanças serão sempre positivas para as pessoas da localidade.

Acredita na mobilização participativa da sociedade, no entanto coloca a necessidade de “conscientização” da mesma. Propõe um espaço turístico construído e reconstruído para desenvolver o grupo alvo e estudar o seu crescimento para então reordenar de forma mais produtiva as atividades turísticas.

O autor Boullon apresenta em sua obra características da fenomenologia, que tem como características; investigar a essência de um fenômeno e como se manifesta ao seu observador; Compreender um fenômeno em suas múltiplas determinações. Propõe destacar as visões e vivências presentes na atitude natural; A ciência e filosofia construídas a partir e sobre o mundo vivido; O problema entendido como uma totalidade; normativa.

Observa-se que o autor Boullon (2002) propõe na totalidade de sua obra, conceituar, diferenciar e esclarecer as confusões existentes nos projetos e planejamento da atividade turística, visando sempre à relação do turismo com esses locais, espaços, meios e territórios.

Boullón (2002) argumenta que, o turismo não é uma ciência e nem uma indústria. Para o autor, todo princípio deve ser exato e não se enquadra nos setores, sendo uma forma de consumir. Apresenta que “em nenhum caso a especialização em algum tipo de atividade produtiva tem como resultado a ocupação absoluta de um território por essa atividade” (p.69). Complementa que “o ordenamento territorial do espaço em que se desenvolvem as atividades turísticas é um dos problemas cuja solução foi intimamente encarada na América Latina” (p.07).

As características do planejamento físico “tem como finalidade o ordenamento das ações do homem sobre o território, e ocupa-se em resolver harmonicamente a construção de todo tipo de coisas, bem como em antecipar o efeito da exploração dos recursos naturais” (p. 72).

Percebemos então, que para ele é prioritário o ordenamento das ações dos homens sobre o território, construções físicas sem esquecer-se de antecipar os impactos ambientais. Propõe um planejamento que verifique as diferentes expressões do espaço físico, suas características e especificidades, como por exemplo: espaço real, potencial, cultural, natural,



virgem, artificial e vital. Considera também quatro dimensões (espaço, tempo, volume) sendo a quarta o observador como fator determinante do planejamento.

Sobre espaço turístico Boullon (2002) acredita ser a consequência da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos que são matéria-prima do turismo. Sendo “a melhor forma de determinarmos um espaço turístico é recorrer ao método empírico, por meio do qual podemos observar a distribuição territorial dos atrativos turísticos e do empreendedorismo”.

Na obra de Braga, identificamos a característica estruturalista. Uma vez que, a autora Braga (2007), apresenta conceitos e abordagem de planejamento estratégico e planejamento do turismo. Não apresenta abordagem específica de território e sim como sendo o uso do turista pelo destino e espaço da comunidade local que traz inúmeras implicações para as relações sociais, econômicas e ambientais.

Estruturalismo entende os estudos das relações entre os elementos a fim de compreender o sistema de relações e comunicações entre os elementos; a sociedade interpretada em função da comunicação; tendo a cultura um papel fundamental.

Para a autora “o ideal para o planejamento turístico é que os projetos estejam subordinados a programas e planos, para que possíveis ações individuais contribuam para o desenvolvimento sustentável do turismo, contando com respaldo de ações públicas da comunidade”. (BRAGA, 2007, p. 152)

Para Braga (2007) é preciso entender as especificidades do espaço habitado pelos moradores, suas atividades, as interferências positivas e negativas do turismo nesse território, e quais os recursos necessários para o planejamento das práticas turísticas na localidade, diante dessa organização territorial agregada ao estabelecimento do turismo.

Braga (2007) enfatiza a importância da organização territorial como sendo a organização do espaço geográfico com a participação da comunidade local e do poder público, tendo em vista um objetivo ideal de realidade a que se deve instrumentalizar por planos, programas e projetos diagnóstico, prognóstico, tabelas e formulários. Planejamento flexível de acordo com as necessidades dos agentes. Abordagem estruturalista e funcionalista do processo de planejamento. Não considera as especificidades territoriais e suas “imaterialidades” como processos intervenientes.

Hall segue a corrente do marxismo, pois para Hall (2002), o planejamento não é uma atividade racional e sim altamente política. A meta de sustentabilidade não é uma dádiva, mas um conceito contestado, que como estudiosos do setor precisamos defender.

O marxismo tem como característica; definir a ciência e tecnologia como produtos da história; Fenômenos só podem ser compreendidos em sua contradição; Utiliza o



materialismo dialético para análise da realidade. As idéias aparecem a partir da matéria, as relações e conseqüências dessas relações com a matéria que geram as idéias (MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, 1984).

Hall (2002) apresenta que sua obra é uma oportunidade de pensar e refletir sobre a natureza do planejamento turístico e o processo político. Coloca que “o planejamento pode ser entendido como o processo de decisão interdependente ou sistematicamente relacionado com um conjunto de decisões individuais” (p. 24).

Acredita que o processo de planejamento é antes de tudo um processo de decisão e política pública é atividade política. Pensa as organizações como adaptáveis ao ambiente ao longo do tempo planejando e gerenciando num único processo, conciliando processo e forma. Mostra-nos uma realidade de planejamento mais complexa e completa com múltiplas relações. Pretende uma investigação dialética, compreendendo que “a análise dialética enfatiza a compreensão de processos, relações e fluxos sobre a análise de elementos, objetos, estruturas e sistemas organizados” (p. 137).

Hall (2002) apresenta uma visão macro e micro do sistema em constante mutação, socioculturais, econômicos, políticos, ambientais. Considera a macro e micro estruturas sociais como fatores preponderantes numa rede complexa de relacionamentos. Critica o planejamento que transforma os lugares em mercadorias a ser produzidas e consumidas e a competição dos lugares entre si.

Propõe à sustentabilidade Turística para além do capital e do desenvolvimento econômico e as estratégias, os instrumentos e as técnicas serão selecionados de acordo com as características locais tendo em vista a identidade e as tramas das contradições, a complexidade dos sistemas, antecipando as conseqüências ambientais e sociais, permitindo uma política de inclusão.

Acrescenta que “o turismo como qualquer outro setor, apresenta problemas resultantes de fracassos e imperfeições do mercado e das subseqüentes respostas do governo” (HALL, 2002, p. 41).

Na obra de Magalhães observamos também a perspectiva marxista, porém mais apurada. Por ter como descrição uma teoria científica – o materialismo histórico. E de uma filosofia – o materialismo dialético. É uma visão oposta ao idealismo que considera o mundo material como a encarnação da idéia absoluta. Para a visão materialista, o movimento é a propriedade fundamental da matéria e existe independentemente da consciência, a matéria é a fonte da consciência, e a consciência um reflexo da matéria. A ação humana é determinada pelas condições materiais.



Magalhães (2002) parece acreditar que diversos fatores influenciam a produção da estrutura territorial. Podendo dizer que existe uma relação dialética entre as relações sociais e o lugar, onde os processos de desenvolvimento capitalista são materializados. Considera o turismo improdutivo para a comunidade receptora, pois sempre é planejado pela classe dominante.

Magalhães (2002) relaciona o turismo com a complexidade e necessidade da colaboração de diversas áreas do conhecimento, para entendê-lo como fenômeno social e espacial. Entende o turismo e meio ambiente “o comportamento da atividade no espaço, entendido como o local onde ocorrem as relações sociais, as transformações físicas, químicas e biológicas, e onde ocorrem as mudanças na paisagem e a degradação do meio” (p. 24).

Entende a atividade turística eminentemente econômica como improdutiva para a localidade receptora, por desconsiderar as transformações culturais e históricas, descaracterizando a localidade. Acrescenta que “se faz necessário considerar as relações dialéticas entre esses padrões espaciais e os processos que o produzem” (MAGALHÃES, 2002, p. 67).

Uma vez que o planejamento é determinado por uma classe dominante – agentes ideológicos. Entende como necessário que a comunidade se engaje no processo de planejamento e organização, se sentindo responsável pela manutenção e gestão do turismo e pelos resultados obtidos. Trabalho multidisciplinar.

Já o autor Petrocchi, claramente segue a corrente positivista, por ser um método que consiste em abandonar religião; Acredita na existência de uma ordem natural; Estudam apenas dados individualmente, não considera a totalidade; Enfatiza a ciência e o método científico (físico/matemático); Distingue fatos e valores; Atribui significado ao mérito de verificação.

Petrocchi (2001) não apresenta conceitos de território, espaço ou qualquer referência com o meio ambiente, a não ser como um espaço de atuação da produção do mercado turístico.

O turismo para Petrocchi (2001) é uma atividade econômica promissora, sendo fator de desenvolvimento, crescimento e sobrevivência das comunidades. Avalia o turismo diante da realidade mercadológica, como uma salvação econômica as localidades.

Para Petrocchi “a cidade, integralmente, e um sistema turístico, como suas ruas, construções, atrativos turísticos e habitantes, e o visitante é simplesmente o cliente, aquele que deve ser tratado como um rei, pois dele vem a receita que alimente os negócios turísticos da cidade” (p. 53).



Utiliza palavras como: mercado, crescimento econômico, cliente, receita, negócios, salvação econômica, qualidade total. Sendo importante atualmente, para a sobrevivência dos espaços e dos meio que sofrem a interação ou total alteração e adaptações, diante da realidade e necessidades dos turistas. Apresenta para tal análise, diagnóstico, objetivo, plano e estratégia. Considera o território como apenas demarcação geográfica, sem qualquer referência ao ambiente em geral.

#### **4. Considerações finais**

Pudemos perceber nas obras estudadas diferentes tendências, oscilando entre uma abordagem capitalista de exploração das atividades, como sendo uma mercadoria turística inserida e atuante no processo produtivo. E outras abordagens como fenômeno espacial e geográfico para além do capital.

Desta forma, alguns autores entendem o território como sendo o cenário, espaço de atuação do turismo, um servidor do processo produtivo e mercadológico da atividade. Enquanto outros apresentam uma atuação e estudo mais holístico do turismo, ampliando a discussão e visão da atividade, de forma a compreender a complexidade da atuação nos espaços, resultando em novas realidades territoriais.

O estudo dessas diferentes abordagens na graduação é extremamente produtivo, uma vez que incita ao acadêmico à reflexão e a produção de novos conhecimentos. Essas abordagens e concepções contribuem também para a construção do conceito de território e entendimento da apropriação do espaço geográfico pelo turismo sob diversas perspectivas. As análises das correntes filosóficas nos fazem refletir sobre nossas ações enquanto profissionais e nos esclarecer a respeito do nosso compromisso e nossa responsabilidade social enquanto transformadores ou reprodutores de tais realidades.

Faz-nos refletir também sobre a complexidade na formação do território e suas múltiplas determinações, que ao mesmo tempo determina e é determinado por ele. Sobre a posição escolhida entre Sujeito ou Objeto, agir sobre o meio ou ser influenciado por ele. O que possibilita uma reflexão sobre formas alternativas de atuação com o intuito de superar as contradições que as atividades turísticas nos apresentam.

#### **5. Referências**

BENI, Mário Carlos. **Política e Planejamento de Turismo no Brasil**. São Paulo: Aleph, 2006.



BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**; tradução Josely Vianna Baptista. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BRAGA, Débora Cordeiro. **Planejamento turístico: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Elsiar, 2007.

HALL, Colin Michael. **Planejamento Turístico: Políticas, Processos e Relacionamentos**. São Paulo: Editora Contexto, 2002.

LEFEVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

MAGALHÃES, Claudia Freitas. **Diretrizes para o Turismo Sustentável em Municípios**. São Paulo: Roca, 2002.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. 1º capítulo, seguido das teses sobre Feuerbach. São Paulo: 1985.

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

NETO, Henrique Nielsen. **Filosofia básica**. 2 ed. São Paulo: Atual, 1985.

NOGARE, Pedro Dalle. **Humanismo e antihumanismo: introdução á antropologia filosófica**. São Paulo: Herder, 1972.

PETROCCHI, Mário. **Turismo Planejamento e Gestão**. São Paulo: Editora Futura, 2001.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.